

UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE TEXTOS JORNALÍSTICOS SOBRE O (PEDIDO DE) IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF

*Gilvan Santana de Jesus**

*Wilton James Bernardo-Santos***

RESUMO

As recentes manifestações contra o Governo petista de Dilma Rousseff, os protestos “anti-Dilma”, como ficaram conhecidos, têm por interesse a efetivação de um processo de *impeachment* que culminaria na retirada da presidente do cargo. Todo esse contexto é a matéria para a realização deste trabalho. A partir dele, fizemos uma análise discursiva de peças sobre os pedidos de impeachment da presidente, isto é, uma análise do *impeachment* enquanto um acontecimento discursivo. Através da mobilização de um dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso de linha francesa e de suas respectivas categorias, especialmente no que se refere à categoria formação discursiva, procuramos analisar como acontece o processo de constituição dos sentidos, bem como analisamos os diversos atravessamentos discursivos nas peças selecionadas para a composição de nosso corpus: textos sobre o *impeachment* publicados em duas edições impressas do Jornal Folha de São Paulo (referentes a 12 e 18 de abril de 2015). Contudo, outras categorias também são mobilizadas nos gestos analíticos que movemos, tais como: sujeito e interdiscurso. Para tanto, o trabalho está fundamentado na produção de autores como: Michel Pêcheux (1997, 1999, 2002), Eni Orlandi (2007, 2015), Jacques Guilhaumou (2006), Louis Althusser (1985), Jacqueline Authier-Revuz (1990), Dominique Maingueneau (2005), entre outros. As análises feitas aqui procuraram observar quais discursos atravessam (e determinam) os textos selecionados para a composição do corpus, a fim de perceber a que posição(ões) as peças analisadas filiam-se. Nesse sentido, observamos como os discursos político e jurídico, por exemplo, constituem o sujeito da posição jornalística de modos específicos.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Formação Discursiva. *Impeachment*.

ABSTRACT

The recent demonstrations against the government of Dilma Rousseff from PT, the “anti-Dilma” protests, as they became known, have interest for the realization of an impeachment process that would culminate in the removal of the President from this office. All this context is the subject for the achievement of this work. From it, we made a discursive analysis of parts about applications for impeachment of the president, that is, an analysis of impeachment as a discursive happening. By mobilizing of a theoretical and analytical device of the French Discourse Analysis and its respective categories, especially as regards to the discursive formation category, we tried to analyze how does the process of constitution of the senses, as well as we analyzed the different discursive crossings on the selected parts for the composition of our corpus: texts about impeachment published in two printed editions of the Folha de São Paulo newspaper (referring to April 12 and 18, 2015). However, other categories are also mobilized in analytical gestures that we move, such as subject and interdiscourse. Therefore, the work is based on the production of authors such as: Pêcheux (1997, 1999, 2002), Eni Orlandi (2007, 2015), Jacques Guilhaumou (2006), Louis Althusser (1985), Jacqueline Authier-Revuz (1990) Dominique Maingueneau (2005), among others. The analysis made here attempted to identify which addresses cross (and determine) the selected texts to the composition of the corpus in order to realize to which position (s) the analyzed parts affiliate themselves. In this sense, we observed how the political and judiciary discourse, for example, constitute the subject of journalistic position in specific ways.

Keywords: Discourse Analysis. Discursive formation. Impeachment.

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão-SE. Endereço eletrônico: gilvan-santana@hotmail.com.

** Doutor em Linguística pela Unicamp e professor Associado da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão-SE. Endereço eletrônico: wjames@uol.com.br.

INTRODUÇÃO

O governo de Dilma Rousseff tem enfrentado um momento de inúmeras críticas e também tem sido alvo de vários protestos. Os protestos “anti-Dilma”, como ficaram conhecidos, defendem que a presidente seja retirada do cargo por meio de um processo de *impeachment*. Pesquisas demonstram, inclusive, que o governo petista vive seu momento de maior rejeição. Nosso propósito, contudo, não é fazer um levantamento desses dados.

Tendo em vista o contexto acima apresentado, este trabalho tem como objetivo analisar os discursos que estão circulando em textos jornalísticos cujo objeto são os pedidos de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. As análises que serão feitas aqui procurarão observar quais discursos atravessam os textos selecionados para a composição do corpus, a fim de perceber a que posição(ões) as peças filiam-se. Além disso, buscaremos analisar como acontece o processo de constituição dos sentidos nas peças analisadas. O *corpus* deste trabalho é constituído por textos acerca do *impeachment*, publicados em duas edições do *Jornal Folha de São Paulo*¹.

O trabalho fundamenta-se nos princípios da Análise de Discurso de linha francesa. Entre os autores que constituem a fundamentação teórica do trabalho estão: Michel Pêcheux (1997; 1999; 2002), Eni Orlandi (2007; 2015), Jacques Guilhaumou (2006), Louis Althusser (1985), entre outros. Utilizaremos como instrumentação para as análises que aqui serão feitas as categorias da AD apresentadas por esses teóricos. Entre essas categorias estão noções como: **formação discursiva, interdiscurso, sujeito e ideologia**.

Contudo, a análise demonstrou que uma categoria, em especial, tornou-se de maior relevância, não somente no que concerne aos gestos de interpretação que aqui serão movidos, como também em relação à constituição dos sentidos nos textos analisados. Trata-se da noção de formação discursiva, que, conforme poderemos observar mais adiante, não é uma questão encerrada e, assim sendo, é passível de novas contribuições, o que é uma proposta da AD, de não encerramento das questões, de abertura ao simbólico.

Desse modo, apresentaremos a seguir as contribuições de alguns autores a respeito da Formação Discursiva e, eventualmente, de outras categorias da AD francesa. A apresentação desse dispositivo teórico-metodológico tem por objetivo instrumentalizar as análises que faremos em um segundo momento do presente texto.

EM TORNO DA CATEGORIA FORMAÇÃO DISCURSIVA

A noção de formação discursiva não é hermética e, por isso, também não é uma unanimidade entre os teóricos que se dedicam aos estudos da Análise de Discurso de linha francesa. Ao contrário, trata-se de uma noção aberta a novas contribuições. Visando, então, à apresentação de algumas considerações a respeito, traremos aqui a posição de dois desses teóricos acerca da categoria, a saber: Eni Orlandi (2007; 2015) e Jacques Guilhaumou (2006).

¹ As edições do jornal são referentes a 12 e 18 de abril de 2015.

No que concerne a Eni Orlandi (2015), uma formação discursiva é entendida como aquilo que, numa formação ideológica dada, determina o que pode e deve ser dito. São as posições nas quais o sujeito se inscreve para significar e também ser significado (nas e pelas posições).

Dessa maneira, as palavras não produzem sentido isoladamente, a menos que pensemos em sentido enquanto sinônimo dos significados apresentados em dicionários. Porém, não se trata disso. Sentido, aqui, é pensado na perspectiva da AD, sendo, então, determinado/constituído pelas posições nas quais os sujeitos se inscrevem para enunciar. Segundo Orlandi:

O sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (ORLANDI, 2015, pag. 40).

Orlandi (2015) explica que o sujeito fala de uma posição específica. Assim, ele significa e é significado a partir dessa posição. Contudo, não o sabe, pois esquece que fala desse lugar. Trata-se de um esquecimento necessário, conforme aponta a autora, para a existência do sujeito e para a constituição dos sentidos. Não há sujeito nem sentidos de outra forma, senão desta.

Uma formação discursiva recorta o interdiscurso, isto é, o conjunto de tudo aquilo que pode e deve ser dito, o **dizível** (ORLANDI, 2015). Em outras palavras, aquilo que é enunciado pelo sujeito é “tirado” de uma conjuntura maior na qual há outras coisas possíveis de ser ditas. E essa “escolha” do que se diz se dá pelo retorno ao que a autora chama de memória discursiva, pois tudo que o sujeito enuncia já foi dito anteriormente, em outro lugar.

Nessa perspectiva, o sujeito nunca é a origem do dizer, conforme observa Eni Orlandi (2015), porém, é assujeitado aos discursos que estão em circulação. Ele sempre enuncia a partir de uma anterioridade, de algo **já-dito** (ORLANDI, 2015). Contudo, tem a ilusão de ser a origem daquilo que diz. Trata-se do **esquecimento número um** ou **esquecimento ideológico** (ORLANDI, 2015).

Temos, então, segundo Eni Orlandi (2015), que as formações discursivas dizem respeito às posições nas quais o sujeito se inscreve para enunciar e, portanto, produzir sentidos. O sujeito significa e é significado nessas e por essas posições. Ao fazer uso da palavra em sala de aula, um professor, por exemplo, não pode deixar de ser atravessado por essa posição que ocupa na relação com seus alunos. Da mesma forma, um padre significa de um modo também específico porque se inscreve nessa posição em relação a seus fiéis durante uma missa.

Já em relação a Jacques Guilhaumou (2006), o autor faz a princípio um percurso histórico em torno da categoria formação discursiva, antes de começar a pensar numa “noção-conceito” para ela. Guilhaumou atribui a Michel Foucault a primeira formulação para a categoria, a de “formação discursiva individualizada”. E o percurso que o autor faz é no sentido de romper com essa individualização que se fazia da formação discursiva.

Guilhaumou significa formação discursiva de outro modo. Há um deslocamento da noção em relação a Orlandi. Para o autor, a noção não mais deve ser entendida como um bloco homogêneo, isto é, como o lugar de onde os sujeitos enunciam. É nessa perspectiva que ele retoma uma expressão enunciada por Michel Pêcheux no colóquio *Matérialités discursives*, ao tratar sobre “a des-localização tendencial do sujeito enunciador” (CONEIN; PÊCHEUX et al., 1981, apud GUILHAUMOU, 2006).

Assim, Guilhaumou propunha o rompimento das posições do sujeito que enuncia, em favor do jogo das contradições entre as posições. Para o autor, os gestos analíticos que o analista de discurso mobiliza devem estar atentos ao jogo dessas contradições. Desta forma, se pensaria, segundo ele, não nas posições enquanto blocos homogêneos de onde os sujeitos enunciam, mas, sim, nas contradições entre essas posições (GUILHAUMOU, 2006).

Guilhaumou entende que uma formação discursiva é heterogênea a ela mesma e que ela não deve remeter mais aos lugares enunciativos referidos a um exterior ideológico (GUILHAUMOU, 2006). Trata-se, então, de romper com o conceito de formação discursiva enquanto aquela posição de onde o sujeito enuncia, porquanto, segundo o autor, essas posições não são homogêneas e fechadas. Pelo contrário, elas são heterogêneas e sofrem atravessamentos diversos.

No entanto, observamos que essa heterogeneidade da FD não é ignorada por Eni Orlandi, mesmo quando trata da categoria enquanto a posição na qual o sujeito se inscreve para enunciar. Segundo a autora, um texto não só pode como na maioria das vezes é, efetivamente, atravessado por várias formações discursivas; um texto não corresponde apenas a uma FD, tendo em vista a heterogeneidade que o constitui (ORLANDI, 2007). Assim como Guilhaumou, Orlandi traz uma citação de Courtine (1982), para quem toda FD é heterogênea a si mesma (COURTINE, 1982, apud ORLANDI, 2007).

Orlandi (2007) traz um exemplo, segundo o qual um analista que esteja trabalhando com o discurso feminista, caracterizado por ele como uma FDx, disporá de uma multiplicidade de textos que ele pode considerar no conjunto de textos que dizem respeito a FDx: o texto 1, o texto 2, o texto 3. Para a autora, estes textos estarão atravessados por diferentes FD, além da FDx: FDz, FDn, FDa, FDb, FDy, já que os textos são heterogêneos em relação às FD que os constituem (ORLANDI, 2007). Nesse sentido, todos os textos são atravessados por diversas FD, que os constituem de modos particulares.

Aqui, vale mencionar o trabalho de Jacqueline Authier-Revuz (1990), **Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)**. A autora não trata especificamente de FD, mas do discurso, e isto nos interessa. Ela entende a heterogeneidade enquanto constitutiva do discurso. E o que é uma formação discursiva, senão um recorte do interdiscurso, da memória?

Também o trabalho de Dominique Maingueneau (2005), acerca do interdiscurso, perpassa essa questão da heterogeneidade do discurso enquanto constitutiva. O autor afirma que a **heterogeneidade mostrada** é mais acessível aos aparelhos linguísticos. Ao passo que a **heterogeneidade constitutiva** não deixa marcas visíveis (MAINGUENEAU, 2005). Essa constituição acontece de tal modo que escapa ao sujeito, tendo em vista seu assujeitamento à memória.

Percorremos esse caminho para mostrar que pensar nas formações discursivas enquanto as posições nas quais o sujeito se inscreve para enunciar não significa excluir a heterogeneidade que é constitutiva da FD (e dos discursos). Da mesma forma, também não exclui a possibilidade de pensar nas contradições entre as posições. Os textos podem ser atravessados por mais de uma FD e o são, conforme observaremos nas análises a seguir. Por essa razão, fizemos esse percurso sobre a categoria, no sentido de estabelecer um campo possível para as análises que seguem.

ATRAVESSAMENTOS DISCURSIVOS

No que aqui chamaremos Peça I, cujo título é *Impeachment é desespero da oposição, diz governo*, a palavra *impeachment* filia-se a uma formação discursiva cuja posição é a da justiça, da legalidade. E, por isso, levanta uma série de questões relacionadas às leis, a exemplo de predicções que se opõem, como **certo** e **errado**, **legal** e **ilegal**. Assim, *impeachment* faz parte de um recorte que se inscreve nessa posição, a da justiça. Outra questão a ser observada está relacionada à construção da posição de sujeito **oposição**, pela posição de sujeito **governo**. Este significa aquele enquanto “desesperado”.

No que diz respeito à filiação na posição da justiça, ela pode ser observada também em relação a outros termos, tais como **irregularidades**, **crime** e **processo**. Todos eles também fazem parte desse recorte que a FD faz. A própria palavra **justiça** aparece no texto, o que torna o recorte do interdiscurso ainda mais significativo. Nesse contexto, a Peça I do jornal demarca uma posição na qual ela se inscreve, uma FD que significa de um modo particular no texto. A peça é, então, atravessada por um discurso jurídico. Confira a Peça I na figura abaixo:





Figura 1: Matéria publicada na Folha de S. Paulo em 18 de abril de 2015.

Mas é necessário considerar também o fato de o próprio termo *impeachment* ser usado em língua inglesa, e não em português (impedimento, impugnação). Trata-se de um estrangeirismo que penetra na língua portuguesa e é usado normalmente como se fosse em português, movendo para o *corpus* esses sentidos.

Em seguida, se tomarmos a fala do ministro da justiça, segundo o qual “não há fato jurídico que justifique” [o *impeachment*], notamos que o uso do termo **jurídico** continua fazendo o mesmo recorte, filiando-se a uma posição da legalidade. No entanto, trata-se de um dado ao qual o sujeito não tem acesso. Mesmo significando e sendo significado a partir de uma posição específica, o indivíduo esquece que fala desse lugar. E é por isso que ele é interpelado em sujeito, tal como aponta Louis Althusser (1985), a propósito do assujeitamento do sujeito.

A esse respeito, vale trazer à baila a noção de sujeito assujeitado, em torno da qual, segundo Orlandi (2015), existe uma contradição: se, por um lado, o indivíduo tem liberdade para dizer, ele é, por outro lado, determinado naquilo que diz por uma exterioridade. O sujeito tem a ilusão de que determina o dizer, quando o que acontece, de fato, é o seu assujeitamento.

Nessa perspectiva, Louis Althusser (1985) afirma que os indivíduos são **sempre-já** sujeitos. Os discursos, afinal, já existem antes mesmo de os indivíduos nascerem e são retomados por estes através da memória. Tomados pelos discursos e fazendo uso da **memória discursiva**, ainda que sem o perceber, os indivíduos são interpelados em sujeito, um sujeito assujeitado.

Ao se utilizar a expressão **contra-atacar**, o texto passa a ser atravessado por um discurso bélico que nos remete à ideia de guerra. Esse é um outro recorte do interdiscurso. Trata-se de uma outra FD, outro lugar que demarca e especifica a filiação discursiva do jornal. O termo **militou** também segue esse recorte, e sugere que há lados que se opõem, o que seria próprio de um processo político, essencialmente movido pelo antagonismo.

Além disso, há outra formação discursiva a que o jornal também se filia, a posição política. Essa filiação discursiva pode ser observada no uso de palavras como **oposição, governo, presidente** e, inclusive, nas próprias referências a partido, **PT, PSDB, petista**.

Os gestos de interpretação mostram como a primeira peça do corpus é atravessada por mais de um discurso. Essa heterogeneidade de discursos significa no sujeito da posição “imprensa”, o determina de um modo específico e não de outro. Trata-se de um atravessamento de diversos sentidos mobilizados pelos discursos, atravessamentos esses que não se constituem em outro lugar senão na materialidade do texto.

Na Peça II do *corpus*, intitulada **Reprovação a Dilma estaciona; maioria apoia o impeachment**, podemos notar também esse atravessamento de discursos e sentidos diversos, que demarcam as posições a que se filia. Nela, a palavra *impeachment* também aparece já na manchete, porém, a predicação é outra. Se lá esse processo aparece como algo sem justificativa (legal), aqui o *impeachment* é predicado como um desejo da **maioria**, de acordo com os dados de uma **pesquisa**. Há, nesse ponto, um processo de significação do outro pelo sujeito enunciator. Trata-se da construção de uma imagem, o que também produz sentidos. Confira a Peça II na próxima página (Figura 2).

Essa peça também é atravessada por um discurso que se inscreve na posição da justiça, o discurso jurídico. Porém, a justificativa neste caso é outra: apoia-se em números, em dados de uma pesquisa. O uso de **proporção** mobiliza esses sentidos também.

A mesma pesquisa, todavia, aponta o desconhecimento dos efeitos do *impeachment*. Caso o processo ocorresse, o vice-presidente Michel Temer, que é “figura desconhecida” pela mesma maioria que apoia o processo, assumiria. Desse modo, o jornal enfatiza a contradição existente nos pedidos de *impeachment*. O jogo das contradições, conforme mostra Guilhaumou (2006), também sinaliza a presença da heterogeneidade constitutiva do discurso.

É interessante observar também um atravessamento de sentidos outros mobilizados por termos como **protestos e manifestações**. Demarca-se outra posição, que se situa no âmbito daquilo que é contrário ao governo, o **antigoverno**. Observemos que se trata de posições antagônicas. Atente-se ainda para o uso de **reprovação e insatisfação**, que seguem a mesma linha, filiam-se na mesma posição. Trata-se, portanto, de outro recorte, outra formação discursiva.

Assim como na primeira peça, aqui também há um atravessamento de sentidos pelo discurso político. **Presidente, gestão, petista, Presidência e vice-presidente** são palavras que mobilizam esses sentidos e recortam o interdiscurso de outro modo. Um processo que Orlandi (2015) chama de **antecipação** já nos permitiria imaginar que houvesse esse atravessamento (em ambas as peças). Afinal, o *corpus* trata de um assunto de caráter político, por excelência.

A **antecipação**, que, segundo a autora, é uma **formação imaginária**, consiste na capacidade que o sujeito tem de se colocar no lugar do interlocutor para “ouvir” suas palavras. Desta forma, o sujeito antecipa os sentidos que essas palavras produzem no outro (ORLANDI, 2015). Aqui, fazemos um deslocamento em relação à noção proposta pela autora: o que é antecipado é um gesto de interpretação, que somente seria válido se submetido a uma análise efetiva, tal como temos feito.

Reprovação a Dilma estaciona; maioria apoia o impeachment

Datafolha aponta que o vice Temer é figura desconhecida e que 75% são favoráveis a protestos

A presidente Dilma Rousseff (PT) enfrenta hoje (12) novas manifestações pelo país com seis de cada dez brasileiros reprovando sua gestão. A mesma proporção defende um processo de impeachment contra a petista.

É o que aponta pesquisa nacional do Datafolha com 2.834 entrevistados realizada na quinta (9) e na sexta (10). A margem de erro é de dois pontos percentuais.

Em relação ao levantamento anterior, a reprovação à petista oscilou de 62%, em março, para 60%. A insatisfação com a presidente é majoritária em todos os segmentos pesquisados.

Com base no que se sabe sobre a Operação Lava Jato, 63% dizem que o Congresso deve instaurar o processo que pode culminar na saída de Dilma da Presidência.

Na hipótese de ela ser afastada, assumiria Michel Temer (PMDB), desconhecido pela maioria —64% dos brasileiros não sabem quem é o atual vice-presidente.

Os protestos antigoverno têm o apoio de 75% dos entrevistados. Em 15 de março, manifestação reuniu 210 mil na avenida Paulista, segundo o Datafolha. Poder

A presidente Dilma Rousseff (PT) enfrenta hoje (12) novas manifestações pelo país com seis de cada dez brasileiros reprovando sua gestão. A mesma proporção defende um processo de impeachment contra a petista.

É o que aponta pesquisa nacional do Datafolha com 2.834 entrevistados realizada na quinta (9) e na sexta (10). A margem de erro é de dois pontos percentuais.

Em relação ao levantamento anterior, a reprovação à petista oscilou de 62%, em março, para 60%. A insatisfação com a presidente é majoritária em todos os segmentos pesquisados.

Com base no que se sabe sobre a Operação Lava Jato, 63% dizem que o Congresso deve instaurar o processo que pode culminar na saída de Dilma da Presidência.

Na hipótese de ela ser afastada, assumiria Michel Temer (PMDB), desconhecido pela maioria —64% dos brasileiros não sabem quem é o atual vice-presidente.

Os protestos antigoverno têm o apoio de 75% dos entrevistados. Em 15 de março, manifestação reuniu 210 mil na avenida Paulista, segundo o Datafolha. Poder

Figura 2: Matéria publicada na Folha de S. Paulo em 12 de abril de 2015.

Por fim, notemos como a palavra **estaciona**, fazendo referência à **reprovação** ao governo Dilma, traz para o texto sentidos que não são próprios desse lugar, mas que nos remete a um léxico sobre automóveis, velocidade. Pensemos então em uma paráfrase do termo. Teríamos, por exemplo, **para de crescer: reprovação a Dilma para de crescer**. Contudo, o enunciado seguinte, “maioria apoia o *impeachment*”, mostra como, mesmo “estacionados”, os índices de rejeição ainda são grandes. Trata-se de uma contradição entre os dois enunciados. E, mais uma vez, lembramos que a contradição constitui um indicativo da heterogeneidade (GUILHAUMOU, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No caminho percorrido até aqui, procuramos analisar como se deu o processo de constituição de sentidos no *corpus* deste trabalho. Através da observação, especificamente, das posições nas quais o sujeito jornalístico se filia, isto é, das formações discursivas, fizemos um trabalho de identificação dos discursos que atravessaram de algum modo as peças analisadas.

À luz dos dispositivos teóricos da AD francesa mobilizados aqui, e também com base nas análises feitas, pudemos observar como são múltiplos os atravessamentos de discursos. Os gestos de interpretação que foram movidos aqui objetivaram a percepção dessa heterogeneidade enquanto constitutiva do discurso, e presente em todo e qualquer texto.

Em nosso caso, particularmente, a presença dos discursos político e jurídico, por exemplo, significa na posição que sujeito ocupa de um modo específico e não de outro, quando da enunciação. O sujeito é constituído pelas posições que ocupa, porém, não tem acesso a isso. Essa é, aliás, a condição para que a instância de “indivíduo” seja interpelada em sujeito pela ideologia (ALTHUSSER, 1985). Afinal, tomados pela lembrança, pela memória discursiva, é que os sujeitos falam, sempre a partir de uma anterioridade.

Além disso, a análise observou também como um sujeito constrói uma imagem do outro e, desta forma, significa esse outro de modo particular. Eni Orlandi (2015) mostra como essa construção da imagem é decisiva em relação aos processos de constituição dos sentidos, o que foi também um dos interesses deste trabalho.

Assim sendo, notamos como as publicações sobre o *impeachment*, tomadas aqui como corpus, são constituídas por posições que regulam o sujeito jornalístico. Nesse contexto, as noções de **certo** e **errado** mobilizadas pelo discurso jurídico, por exemplo, significam esse (e nesse) sujeito de modo específico, particularizando-o, determinando-o.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

AUTHIER-REVUZ, J. “Heterogeneidade(s) enunciativa(s).” In: **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, UNICAMP – IEL, n. 19, jul./dez., 1990.

GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

GUILHAUMAU, J. “Aonde vai a Análise de Discurso? Em torno da noção de Formação discursiva”. In: **Línguas e instrumentos linguísticos**, nº 16, Pontes, Campinas, 2006.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Edições Criar, 2005.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2015.

_____. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2002.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre; et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.